

Introdução à Pedagogia da Floresta: abrindo caminhos para a fusão de conhecimentos, saberes e práticas

Fátima Cristina da Silva¹

Resumo: A floresta e suas pessoas estão em constante simbiose, reverenciando seus ancestrais e reverberando sabedoria. A partir do registro e da vivência desta em encontros e oficinas, nasceu o objetivo deste ensaio: introduzir a Pedagogia da Floresta. Este estudo consiste em refletir sobre a prática construtiva de saberes contínuos a partir do contexto da floresta e das pessoas que nela vivem. Trata, portanto, de uma pedagogia nascida dentro da floresta. A análise dos registros de oficinas e reuniões e dos saberes aprendidos e apreendidos com os povos da floresta é fundamental para legitimar sua cultura e tradicionalidade. Os pensamentos de Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, bem como os de multiplicadores de suas ideias, darão sustentação à tese. Através deles, promover-se-ão diálogos entre tantas pedagogias freirianas e ecologias de boa-venturança, ambas com uma fartura de saber, que nos ajudam nas reflexões por meio de ricas e complexas leituras.

Palavras-chave: Ecologia de saberes, pedagogia da floresta, território e cidadania.

[...] sem um mínimo de esperança não podemos sonhar e nem sequer lutar e, enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica (Freire, 1992: 11).

Introdução

Minha tese, intitulada “Introdução à Pedagogia da Floresta”, terá como foco uma reflexão sobre as ações que impulsionam populações tradicionais a agirem dentro de seu contexto, gerando uma prática pedagógica própria. Esta prática ocorre porque tais populações têm uma leitura epistemológica específica do mundo em que vivem. Assim, precisamos decifrar essa leitura para adentrarmos nesta pedagogia que é desconhecida fora da floresta e torná-la visível para o planeta. Para tanto, faz-se necessário percorrer a linha do tempo e analisar toda a trajetória de luta do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), hoje denominado Conselho Nacional das Populações Extrativistas, criado em 1985 pelo líder dos seringueiros, Chico Mendes, e outros grandes ativistas.

¹ Pedagoga pela Universidade Federal do Acre (Brasil), especialista em Gestão Descentralizada pela Universidade Federal do Maranhão (Brasil). E-mail: floresta.cristina@gmail.com

O CNS é internacionalmente reconhecido por sua luta por justiça social e proteção das florestas em prol do uso sustentável dos territórios tradicionais denominados Unidades de Conservação (UC) de Uso Sustentável,² na modalidade Reservas Extrativistas (RESEX). As UCs visam conciliar direitos territoriais e diversidade cultural, por um lado, e a conservação e o aumento da biodiversidade, por outro (Barbosa de Almeida *et al.*, 2018). Há mais de 35 anos, o CNS tem empreendido ações efetivas para o fortalecimento social e econômico de organizações extrativistas em toda a Amazônia brasileira, com uma força de mobilização social largamente reconhecida. Tais ações incluem, por exemplo, a conquista da criação de 66 RESEX, totalizando 13,5 milhões de hectares (MMA, 2021). Por isso, ao facilitar a interação entre as comunidades e o público externo através de reuniões com as associações, o CNS serve de ponte para um trabalho contínuo no atendimento de reivindicações dessas populações.

Por trás da força que estrutura o movimento, também há fragilidades, dores advindas dos traumas causados por perdas irreparáveis, como as de Chico Mendes, Irmã Doroty, Maria e Zé Cláudio, que morreram lutando em prol da floresta e seus povos. Esses sentimentos, que nunca são explicitamente expressos a não ser na forma de lutar e reivindicar, são muitas vezes demonstrados no silêncio, no recolhimento ou na rememoração (Mendes *et al.*, 2020). Daí nasce ainda mais força que intui e reinicia o fluxo para a produção do conhecimento enraizado e repleto de sabedoria. Por isso a concordância com o Professor Boaventura de Sousa Santos, quando refletiu sobre a importância de denunciar que os conhecimentos produzidos por esses grupos marginalizados nunca chegaram à universidade, e a necessidade de abrir espaços para que cheguem (Santos, 2017).

O título da tese inicia com o termo “introdução” porque sou consciente de que os saberes da floresta são infinitos e não há pretensão de aceder jamais a toda essa sociobiodiversidade, havendo lugar para inúmeras investigações pertinentes e de relevância para a academia. Por isso reitero que os saberes e as práticas dessas comunidades, muitas vezes aliadas aos povos indígenas devido a suas vizinhanças, precisam ser pensados através de uma pedagogia que remete à educação multicultural, ética, libertadora e transformadora.

² A Lei nº 9.985, de 2000, instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que reconhece legalmente territórios tradicionais como Unidades de Conservação.

Desenvolvimento

Ao longo de 22 anos trabalhando junto ao CNS, venho acumulando um conjunto de materiais, tais como cartas, depoimentos, desenhos e materiais didáticos construídos coletivamente, que revelam ricos conhecimentos e saberes de populações tradicionais da Amazônia em seu processo de luta social. Tais registros precisam ser sistematizados para tornar visível essa sabedoria para o mundo. Tarefa árdua, porém desbravadora.

Em sua brilhante tese, Mary Allegretti (2002) traz um baú de pérolas a serem lidas uma a uma sobre a trajetória de Chico Mendes, que envolve todas as questões políticas, econômicas e sociais em ebulição na floresta. Este trabalho será de infindável contribuição para a escrita da “Introdução à Pedagogia da Floresta”, ao nos remeter a uma ecologia de saberes como meio de atingir liberdade e empoderamento. Tal ponto é evidenciado quando Allegretti (2002) reflete sobre a marca deixada pela mudança da fase de resistência para a de proposição e implantação de alternativas econômicas e sociais, com benefícios diretos e imediatos para os seringueiros.

Por sua vez, os referenciais teóricos de enquadramento da “Introdução à Pedagogia da Floresta” baseiam-se na visão da pedagogia libertadora de Paulo Freire (1967) e na ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos (2007). Entretanto, buscar-se-á integrar outras abordagens questionadoras, sejam estas favoráveis ou desfavoráveis, para um diálogo crítico, reflexivo e efetivo.

Os cinco pontos a seguir sintetizam as lentes analíticas que utilizarei na investigação, os quais formarão o corpo de minha tese. Pretendo realizar uma oficina com as comunidades e organizações extrativistas sobre cada um destes pontos, através de um diálogo participativo e construtivo. O resultado global que espero atingir é a cocriação de uma agenda de futuros desejáveis para a Amazônia brasileira, juntamente com produtos audiovisuais para divulgação da tese, em linha com as ferramentas pedagógicas adotadas na floresta. A tese que defendo é que as lutas e conquistas do CNS em prol da criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável contribuem de forma efetiva para a diminuição dos riscos que venham comprometer a integridade da floresta viva. A “Introdução à Pedagogia da Floresta” trará os ensinamentos das comunidades extrativistas que tornam possível este objetivo.

1. A Pedagogia da Floresta e a trajetória de um movimento social de luta pelo território de uso coletivo

Com uma longa trajetória de luta pela terra e pelos direitos humanos, o CNS tem construído muitos caminhos para chegar onde está hoje, colhendo avanços, retrocessos, mortes e conquistas, e mantendo a continuidade da ação. Neste contexto, ocorreram fatos históricos de relevo, incluindo a elaboração e legitimação de conceitos, instituições e estratégias de luta. Este processo será analisado num “ateliê” pedagógico, entendido como um local de aprendizado e construções artísticas a partir de ideias e intuições advindas dos saberes das comunidades. Pretendo assim formar uma colcha de retalhos, costurada com muita luta e sabedoria, com o intuito de trazer a expressão de conhecimentos úteis para as sociedades.

Para garantir os direitos das pessoas que vivem na floresta amazônica e usam seus recursos, foram e são necessários muitos encontros estratégicos promovidos pelo CNS, conforme a conjuntura política dos contextos vivenciados desde a década de 1980 até o presente. Os rumos estratégicos da luta para atingirem os objetivos dos extrativistas nada mais são do que o resultado de planejamentos táticos únicos, feitos com total precisão. Tais táticas são singulares e adaptadas às necessidades das comunidades, unindo o ideal de garantia do bem-estar social com a inclusão da natureza (Leff, 2010).

Dialogar sobre esses conhecimentos com a universidade é necessário, através de uma investigação feita com apropriação, respeito e consciências dos valores e limites de cada lado hoje, para termos amanhã uma ponte ou uma travessia de troca de conhecimentos recíproca. Em prol de uma luta contínua, nem sempre o sucesso é o objetivo final, até porque ele causa uma queda das forças que congela a resistência, trazendo um sentimento de dor e desprazer que decreta também uma crise ontológica, como esclarece Mendes em seu livro *Sociologia do risco*:

A segurança ontológica e a sensação de invulnerabilidade são relacionais, construídas em contextos sociais e culturais concretos. Caberá indagar quais os fatores que estão na origem da construção diferenciada entre grupos e comunidades das percepções dos riscos, e da capacidade desses grupos e comunidades para lidarem com acontecimentos extremos e qual o seu potencial para se reconstituírem posteriormente (Mendes, 2019: 36).

Ação, reação e ação. E tudo inicia novamente... É assim a dinâmica do movimento social — e, isso, seu próprio nome já diz: movimento. Porém, a reconstituição das

comunidades da floresta após acontecimentos extremos dá-se de formas completamente diferentes umas das outras, ora parecendo um desequilíbrio, ora parecendo uma fortaleza se recriando. Este processo implica sempre desconstrução para construir novamente com olhares que seguem a direção de uma bússola, para retornarem à floresta, se preciso for, para não se perderem dela, de si mesmos e de seus ideais. Isso se alinha com a reflexão de Santos (2008: 165):

Na ecologia de saberes a intensificação de cada vontade exercita-se na luta contra a desorientação. Na ecologia de saberes a vontade é guiada por várias bússolas com múltiplas orientações. Não há critérios absolutos nem monopólios de verdade. Cada saber é portador de sua epistemologia pessoal. Nestas condições não é possível seguir uma só bússola. É preciso avaliar a contribuição de cada uma em diferentes áreas ou em momentos ou para diferentes objectivos. A distância relativa em relação aos guias é um factor de consolidação da vontade. As escolhas permanentes resultam de que nenhuma intervenção no real, a partir de um só tipo de conhecimento, tem acesso à realidade toda.

E assim os saberes das comunidades extrativistas estão seguindo para uma direção tangível à construção de possibilidades para sua produção e reprodução, muitas vezes de forma coletiva, mas também individual a ser discutida por um consenso. Neste espaço de criação, não há lugar para a transferência de conhecimentos, mas para a comunicação de seus valores políticos à sociedade, confirmando o pensamento de Paulo Freire (1987). Esta troca exemplifica-se através da mobilização, sensibilização e conscientização que sempre vão além das expectativas, quando a soma das forças de diversas mentes pensantes invade e enfrenta os opressores, principalmente na luta por garantia de seus territórios.

Através de sua relação de “topofilia”³ com o ambiente em que vivem, as comunidades extrativistas revelam-nos a importância da geografia para com a noção do espaço e seus fatores de risco na floresta. E tudo isso já existe registrado em suas falas, seus desenhos e escritos, que já poderiam ser difundidos nas escolas não fosse a “colono-padronização” do ensino.

Assim sendo, a investigação possibilitará uma maior aproximação e troca de informações com essas populações, quanto à compreensão de sua linguagem na elaboração de políticas públicas, promovendo avanços em suas expectativas de viver

³ Topofilia é um conceito, cunhado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), relativo à “geografia da percepção”; trata-se da percepção afetiva em relação ao lugar.

na floresta com dignidade e o pleno exercício de suas “florestanias”⁴ (Salgado, 2011). A cidadania dos povos da floresta reforça, mantém e fortalece suas narrativas orais e os ensinamentos repassados de geração em geração, desenvolvendo sua epistemologia e ensinando sua pedagogia de relação social, política e produtiva com a natureza (Santos, 2018).

2. A Pedagogia da Floresta e a bagagem de saberes das mulheres

A participação de mulheres à frente dos movimentos sociais reforça as lutas pela conquista da terra e o exercício pleno da cidadania das pessoas que vivem e usam a floresta amazônica (Shanley *et al.*, 2018). As mulheres da Amazônia, em seus territórios de uso coletivo, vivem a saúde de sua família agregando saberes valiosos de seus antepassados, fundindo-os com os conhecimentos recebidos da floresta. Essa simbiose proporciona duas dádivas: o dar e o receber com espírito de reciprocidade (Mauss, 2003).

A partir da necessidade de registrar seus saberes e práticas, pensei, juntamente com essas mulheres, na construção de uma metodologia que viesse ao encontro do desabrochar de um contexto trazido de dentro para fora. Esta metodologia é baseada na prática libertária, a partir de uma conscientização das necessidades dessas mulheres, passando por seu empoderamento considerando vários aspectos relacionados a suas rotinas. Por isso, as técnicas e ferramentas construídas a partir de seu contexto possibilitavam o diálogo com troca de conhecimentos valiosos.

Assim, será possível registrar seus ensinamentos para as futuras gerações de forma a transmitir e multiplicar esses saberes. Após a realização de mais de 300 oficinas em 37 Unidades de Conservação na região amazônica, quero apresentar de forma simples essa produção de conhecimento que traz resultados ímpares, conforme o vivenciado em cada contexto. Isso firmará o objetivo da Pedagogia da Floresta. Nessas ocasiões, ao abrir a bagagem dessas mulheres, tínhamos como lema “começar com o que elas sabem e construir com o que elas têm”. Esta síntese bastante ilustrativa foi proposta

⁴ “[...] Florestania é, enfim, o nosso desejo de entrar no futuro carregando nossa alma amazônica. Não é um conceito universal, é só um incentivo para que os povos do litoral criem sua ‘litorania’ e os do deserto a sua ‘desertania’. Que cada povo encontre em seu ambiente, sua história, sua cultura, a maneira como deseja fazer parte da humanidade e realizar sua natureza — externa e íntima” (Alves, 2003, *apud* Salgado, 2011).

por Raimunda dos Cocos, grande líder e diretora da secretaria da mulher do CNS, em 2004, na oficina inaugural do programa “A bagagem das mulheres da floresta”.

A metodologia construída para as oficinas baseou-se na perspectiva da educação popular sistematizada por Paulo Freire (1979), tendo sido aplicada por mim por meio de observação participativa (Minayo, 1994). As técnicas pertinentes da metodologia utilizada durante o programa “A bagagem das mulheres da floresta” possibilitaram o acesso a saberes locais através de um fluxo de diálogos para um tecer constante e infundável de uma pedagogia da floresta. Destaco aqui a “dinâmica do relógio”, utilizada para abordar as relações de gênero e a divisão de tarefas. Este era um momento único, no qual os homens também participavam para a construção da dinâmica. Dois relógios eram construídos junto a um grande cartaz: um relógio expunha a rotina diária das mulheres e o outro a rotina diária dos homens. Através do resultado visualizado — faltava espaço para escrever as atividades das mulheres, mas sobrava no relógio dos homens — foi possível desenvolver a abordagem sobre relações de gênero.

Além desta dinâmica, muitas outras foram utilizadas para os debates dos assuntos programados para as oficinas. Utilizamos muito também as sessões do vídeo educativo coconstruído no decorrer do programa, assim como o livro didático *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica* (Shanley e Medina, 2005). Nos próprios vídeo e livro, encontram-se os caminhos para realizar os trabalhos.

Após cada oficina, realizamos uma leitura ímpar de seus resultados, o que permitiu o contato com o saber inquestionável das pessoas participantes. Como exemplo dessas leituras, destaco a forma muito expressiva com que as mulheres em especial conseguiam fazer uma sistematização elencada dos conteúdos tratados. O conhecimento orgânico sobre plantas, óleos e outras espécies ao seu redor que poderiam ajudar na prevenção ou mitigação de alguns sintomas de doenças ilustra a compreensão obtida pela troca de saberes nas oficinas.

Vale destacar as oficinas realizadas sobre o tema gênero e saúde, quando a expressão de sentimentos foi muito trabalhada e explorada. Essas experiências levaram-me a reflexões sobre a sociologia do corpo e o medo de doenças, as quais deverão ser traduzidas durante a análise minuciosa dos resultados das oficinas (Creswell e Creswell, 2021). Adotarei um enfoque específico para com as relações de

gênero e sexualidade, um assunto delicado a tratar dentre os temas pertinentes que têm emergido na revisão de literatura em curso.

Após a realização dessas oficinas, minha bagagem sempre voltou cheia. Quando retornava de uma imersão na floresta, trazia uma soma incrível de conhecimentos, uma fartura de riqueza imensurável que sempre superou minhas expectativas. Riquezas essas que possibilitaram o tecer de uma colcha de retalhos, que se traduz na ecologia de saberes. Faz-se, assim, uma teia de criatividade e inteligência louvável das mulheres da floresta que se empoderaram, praticando diálogos horizontais de igualdade e equidade.

Ao refletir sobre a sociologia das ausências, no estudo *Fórum Social Mundial: manual de uso*, o professor Boaventura de Sousa Santos (2005: 19) definiu muito bem o conceito de ecologia dos saberes:

A ecologia de saberes visa criar um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento. Consiste em conceder “igualdade de oportunidades” às diferentes formas de saber envolvidas em disputas epistemológicas cada vez mais amplas, visando à maximização dos seus respectivos contributos para a construção de “outro mundo possível”, isto é, de uma sociedade mais justa e mais democrática, bem como de uma sociedade mais equilibrada em relação à natureza.

A ecologia dos saberes remete-nos então a fazer imersões nos resultados das diversas oficinas ocorridas dentro da floresta, para a extração dessas experiências, de forma analítica. Após a análise desses dados, pretendo realizar uma oficina de três dias com representações de todas as comunidades, para uma síntese conclusiva.

3. A Pedagogia da Floresta e o protagonismo jovem

A participação das gerações mais jovens à frente dos movimentos sociais reforça as lutas pela conquista da terra e o exercício pleno da cidadania das pessoas que vivem na floresta amazônica e a utilizam. Escrever um capítulo sobre a juventude da floresta será um processo revelador em vários aspectos. Nos encontros da juventude da floresta, através do programa “Protagonismo jovem”, as descobertas e trocas de experiências foram muito relevantes, agregando valor em suas representações aliando-as às novas ideias da juventude (Silva *et al.*, 2019). Essa juventude poderá apoiar as lideranças antigas, ao pensarem em conjunto sobre um novo modelo de território que possibilite as mudanças necessárias para o equilíbrio do cenário de um

futuro sonhado, que clama por resignificação de conceitos e construção de novos caminhos. A análise será feita a partir dos resultados das oficinas no âmbito do programa “Protagonismo jovem” das UCs, cuja metodologia “Verde Perto” (Rodrigues e Anciães, 2015) passou a ser uma grande aliada. Como consequência, obtivemos resultados significativos, tais como a elaboração e implementação do projeto “Jovens Protagonistas” em três UCs do Núcleo de Gestão Integrada de Tefé (no estado do Amazonas), e atualmente na RESEX Marinha de Soure (no estado do Pará). O referido projeto alcançou tamanha notoriedade que foi institucionalizado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade como estratégia prioritária de educação ambiental e formação de novas lideranças em UCs.

Ao final de seus encontros, a juventude extrativista normalmente propõe cartas de reivindicação que precisam ser traduzidas numa pedagogia própria dela. Esta juventude tem muito a oferecer sobre uma escola da floresta que inexistia na prática, com olhos para dentro da floresta e conforme o contexto local, seus costumes e sua identidade. Um exemplo disso foi a aprovação, após debates e discussões em grupos de trabalho na plenária final do 1º Encontro Nacional da Juventude Extrativista, de um conjunto de proposições que expressam anseios e reivindicações contidos em sonhos juvenis. Neste documento, a juventude extrativista defende que sua formação política se torne ação regular do CNS, como uma estratégia de continuidade na luta em prol dos avanços e conquistas de políticas públicas para as populações extrativistas e pela conservação da floresta.

As ambições juvenis reveladas nesses encontros refletem-se na luta histórica dos precursores da defesa da floresta, cujos sons vindos da samaúma e do uirapuru traduzem a sinfonia da luta das populações extrativistas e sua diversidade de culturas produtivas tradicionais que vivem na floresta. Portanto, Chico Mendes não estava sonhando quando escreveu a carta apresentada na Figura 1, mas sim intuindo sobre a formação de seu legado.

→ Atenção jovem do Futuro
6 de Setembro do ano
de 2120, aniversário do
1º aniversário da Revolução
socialista Mundial, que
unificou todos os povos do
planeta. Nem só ideias e
nem só pensamento de
unidade socialista, e que
fazem a todos os inimigos
da nova sociedade.

Aqui ficam somente
a lembrança de um triste
passado de dor, sofrimento e
morte.

Desculpem
eu estava sonhando
quando escrevi estes
acontecimentos, que eu
mesmo não vivi. Mas tudo
o prazer de ter sonhado

L

Figura 1: Carta de Chico Mendes escrita em 6 de setembro de 1988, pouco antes de seu assassinato em 22 de dezembro do mesmo ano.

Fonte: Comitê Chico Mendes.

4. A Pedagogia da Floresta e a aliança dos povos

A aliança entre os povos da floresta que firmou seu compromisso em continuar a luta de Chico Mendes, logo após seu assassinato, tem sido um marco na história e nas resistências desses povos. Esta união entre os povos, com uma parceria cada vez mais enriquecida pela soma dos esforços em prol das terras indígenas e dos territórios de uso coletivo, confirma a fala de Lévi-Strauss. Em sua resenha sobre a *Enciclopédia da*

floresta — o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações, escrita em 2003, este autor com muito mérito divulga, aprofunda e desenvolve o conceito de “reserva extrativista”, reforçando que de seu sucesso talvez dependa o salvamento da Amazônia (Lévi-Strauss, 2018).

Reunidos em três grandes encontros de grande significado (em 1989, no Acre; em 2007, em Brasília; e em 2020, no Mato Grosso), os povos indígenas e tradicionais conseguiram produzir documentos simples e contundentes sobre a força conjunta de sua aliança para eles manterem-se unidos. A tradução destes documentos dentro da Pedagogia da Floresta pode gerar um valioso livro para o registro da história, o qual precisa estar lado a lado com a juventude da floresta, que complementa e dá continuidade a todo esse legado. Como colocado pelo representante de lideranças indígenas Ailton Krenak,

[e]sses jovens aliam conhecimento local e tecnológico com uma enorme disposição de fazer acontecer sem esperar o Estado. Frequentemente, trazem soluções simples e surpreendentes para questões como a conservação das águas ou para o combate a incêndios na mata, por exemplo. É o que chamo de esperança geracional (Believe.Earth, 2018).

5. A Pedagogia da Floresta e a agenda do futuro

A agenda dos futuros desejáveis para a Amazônia brasileira será coproduzida com o movimento extrativista numa quinta oficina, de forma participativa e democrática, tal como todo o processo ensinado pela Pedagogia da Floresta durante a escrita da tese. Esta construção passará pela realização de coanálises dos primeiro quatro pontos em oficinas, sendo uma para cada item, nas quais a riqueza do saber existente sobre os anseios e esperanças das populações extrativistas será o triunfo para o exercício pleno da florestania. As expectativas são de que novos desafios sejam alinhados com o processo pedagógico conquistado por meio de um evento único e próprio, o “Chamado da Floresta”. Esta agenda política do CNS emanou do próprio movimento, de forma genuína, assim como dele nasceu a ideia da Unidade de Conservação de Uso Sustentável. Através deste evento são intensamente debatidos assuntos de interesse geral das populações tradicionais extrativistas que vivem nos territórios de uso coletivo. O evento culmina na elaboração de uma carta-documento com propostas que são posteriormente levadas pela Diretoria Executiva do CNS às autoridades nacionais e internacionais.

Conclusão

Este ensaio apresenta o tema que escolhi para o desenvolvimento de minha tese, denominada “Introdução à Pedagogia da Floresta”. Trata-se do primeiro passo para adentrar e explorar os muitos varadouros que me levarão a longos percursos de aprendizagens. Como contribuição acadêmica, a tese abrirá oportunidades para a superação das assimetrias dos seres humanos entre si e em suas relações com as outras formas da vida.

Referências bibliográficas

- Allegretti, Mary Helena (2002), *A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros*. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Universidade de Brasília.
- Barbosa de Almeida, Mauro *et al.* (2018), “O legado de Chico Mendes: êxitos e entraves das Reservas Extrativistas”, *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 48, 25-55. DOI: [10.5380/dma.v48i0.60499](https://doi.org/10.5380/dma.v48i0.60499)
- Believe.Earth (2018), “Ailton Krenak: os frutos do discurso que comoveu o país”. Consultado a 06.09.2018, em <https://believe.earth/pt-br/ailton-krenak-os-frutos-do-discurso-que-comoveu-o-pais>
- Creswell, John; Creswell, David. (2021), *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Penso Editora. [5ª edição].
- Freire, Paulo (1967), *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1979), *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freire, Paulo. (1987), *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. [17ª edição].
- Freire, Paulo (1992), *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. [8ª edição].
- Leff, Enrique (2010), “Imaginarios sociales y sustentabilidad”, *Cultura y Representaciones Sociales*, 5(9), 42-121.
- Lévi-Strauss, Claude (2018), “Resenha da Enciclopédia da Floresta — o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações”, *Ethnoscintia*, 3(2), 1-3. Trad. Mauro William Barbosa Almeida [orig. 2003]. DOI: [10.18542/ethnoscintia.v3i2.10232](https://doi.org/10.18542/ethnoscintia.v3i2.10232)
- Mauss, Marcel (2003), “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, in *Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 183-314.
- Mendes, José Manuel *et al.* (2020), *Narrativas do trauma: vítimas, memória e cidadania*. Coimbra: Almedina.

- Minayo, Maria Cecília de Souza (org.) (1994), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes. [17.ª edição].
- MMA (Ministério do Meio Ambiente) (2021), “Cadastro Nacional de Unidades de Conservação”. Consultado a 06.12.2021, em <https://antigo.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs.html>
- Rodrigues, Leonardo da Silveira; Anciães, Marina (orgs.) (2015), *Verde Perto Educação*. Manaus: Editora INPA.
- Salgado, Anailton (2011), “Florestania: um desafio de cidadania no contexto pós-colonial”, *Cabo dos Trabalhos*, 6. Consultado a 30.04.2021, em <https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n6/documentos/02-AnailtonSalgado.pdf>
- Santos, Boaventura de Sousa (2005), *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura de Sousa (2007), “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes”, *Novos Estudos — CEBRAP*, 79, 71-94.
- Santos, Boaventura de Sousa (2008), *A gramática do tempo: para um a nova cultura política*. São Paulo: Cortez. [2ª edição].
- Santos, Boaventura de Sousa (2017), “Descolonizar as universidades para uma ecologia dos saberes”. Consultado a 10.11.2020, em <https://www.geledes.org.br/descolonizar-as-universidades-para-uma-ecologia-dos-saberes>
- Shanley, Patricia; Medina, Gabriel (orgs.) (2005), *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica*. Belém: Cifor/Imazon.
- Shanley, Patricia *et al.* (2018), “Women in the wake: expanding the legacy of Chico Mendes in Brazil’s environmental movement”, *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 48, 140-163. DOI: [10.5380/dma.v48i0.58834](https://doi.org/10.5380/dma.v48i0.58834)
- Silva, Anselmo Gonçalves *et al.* (2019), “Reprodução social de populações tradicionais e pecuária na Reserva Extrativista Chico Mendes: reflexões a partir dos projetos de vida de jovens extrativistas”, *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 52, 235-260. DOI: [10.5380/dma.v52i0.65423](https://doi.org/10.5380/dma.v52i0.65423)
- Tuan, Yi-Fu (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel.